

Pós-graduação 40 anos: entre luzes e sombras na “meia idade”

<http://dx.doi.org/10.11606/1807-55092017000nesp121>

Walter Roberto CORREIA*

*Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Eis o momento para comemoração, ou seja, memorar juntos um feito pleno de historicidade, esforços e, sobretudo, ousadias. A Pós-graduação da Escola de Educação Física e Esporte completa quatro décadas de investimento num sistema educacional marcado por precariedades e desigualdades. Quando observamos os níveis e modalidades da escolaridade brasileira, não temos como evitar o contraste e, por sua vez, o espanto, entre os níveis básicos e elementares da educação da cidadania brasileira na sua relação com a formação do “*Stricto Sensu*”. De forma incontestada, a despeito dos desafios a serem superados, a Pós-graduação brasileira do ponto de vista da produção científica vem se desenvolvendo com um patente arrojo nos seus critérios de excelência, diversificação e inserção internacional.

Sendo assim, é oportuno relembra, que essas quatro décadas de trabalhos devotados e realizados por muitas “mãos” e “espíritos”, se situam num contexto mais amplo, num empreendimento da sociedade paulista e brasileira, ou seja, a Universidade de São Paulo. A Universidade de São Paulo percorre uma trajetória de mais 80 anos, estruturada em diversos campi, centros de pesquisa e museus. Uma instituição constituída por aproximadamente 250 cursos de graduação abrigando uma cifra em torno de 58.000 alunos. No que tange ao sistema da Pós-graduação, são 239 programas divididos entre 332 cursos de mestrado e 309 de doutorado, totalizando algo em torno de 28.000 alunos. A Universidade de São Paulo é responsável por 22% da produção científica nacional. Em tempos de crise nacional - ética - econômica - política - e questionamentos sobre o investimento nas universidades públicas, é justo e necessário colocarmos esses números em evidência. Não menos importante é que a Universidade de São Paulo se encontra num seleto grupo de universidades de excelência legitimando seus protagonismos e destaques no universo acadêmico ibero e latino-americano.

A USP da contemporaneidade tem seus primórdios entremeados nos anseios das elites paulistanas, feridas e marcadas pelas derrotas revolucionárias do início da

década de 1930 do século passado. As referidas elites cunharam um projeto para revolucionar intelectual e cientificamente as concepções econômicas, políticas e culturais dos brasileiros. Esse processo foi consubstanciado pelo interventor Armando Salles Oliveira em 1934 com ajuda de muitos professores e pesquisadores norte-americanos e europeus. Segundo ROMANELLI¹, ainda em meio às fraturas provenientes da Revolução Constitucionalista, o país com passos titubeantes trilhava movimentos entre um modelo agrário-exportador para outro de natureza urbano-industrial, sustentado por um incipiente e embrionário sistema educacional que seria modelado pela Era Vargas.

A “Universidade das Elites” estava investida do espírito das luzes e da modernidade, o imperativo norteador desse anseio estava pautado na ética da razão. Nutrida pelo ideário positivo e otimista, a aposta moderna se dará no binômio indissociável entre ciência e progresso. Em 1934 o historiador José Watsh Rodrigues cria o brasão universitário e nesse temos o seguinte dizer: “*Scientia Vincet*”. Na imagem temos o Apóstolo São Paulo sentado numa cátedra guarnecida de ouro, tendo a sua direita o brasão do Estado de São Paulo e à esquerda o da Capital. Na sua mão direita empunha uma espada em riste e, com a mão esquerda, um livro. Destaca-se que o personagem está sentado a dois degraus do solo. A mensagem explícita é “*Vencerás pela Ciência*”. Dentre outras formas de explicitação dessa ambição moderna, podemos impertinente sugerir: “*Mais saber, mais poder!*”

Destarte, não seria razoável admitirmos que a Escola de Educação Física e Esporte da USP, bem como a sua madura e adulta Pós-graduação, não estivessem imbuídas dessa máxima seminal que, entrementes, vem forjando a alma e o espírito do “*Universitas Studiorum*”, ou seja, o gosto, o desejo, a procura pelas diversas formas de saber e, portanto, de poder.

Como elucidação da força pujante dessa historicidade, o programa de Pós-graduação se insere dentro de uma instituição - EEFÉ-USP - cujos primórdios estão inscritos nos idos dos anos 1930 do

40 anos da Pós-graduação da EEFÉ-USP

século passado (1934) e, desde sua fase embrionária, já apontava para um virtuosismo expresso nos seus sucessivos pioneirismos. À época, a criação da Escola Superior de Educação Física do Estado de São Paulo estava vinculada ao Departamento de Educação Física do Governo do Estado de São Paulo e representava a primeira instituição civil do Brasil. Seus propósitos iniciais se circunscreviam nos horizontes da formação de professores e técnicos de Educação Física. Outro dado digno de nota diz respeito ao ineditismo de incorporar as mulheres no seu corpo discente. Num enfoque prático e técnico, as formações se destinavam a qualificação de instrutores de ginástica e professores de Educação Física. Esse contexto foi impulsionado pelo ideário dos Pioneiros da Educação, especialmente pelo educador Fernando de AZEVEDO² que na ambição do chamado “Escolanovismo” inseriu a Educação Física no âmbito da política educacional vigente. Visto à distância, uma primeira metade de século “grávida” de ambições, pioneirismos e realizações.

Assim sendo, a Escola Superior de Educação Física do Estado de São Paulo trilhou um longo e itinerante caminho para ser incorporada à Universidade de São Paulo. A década de 1960 foi intensa nas tratativas de incorporação dessa unidade universitária junto à USP, sendo que na década subsequente, a Escola de Educação Física firma seus alicerces em território “Uspiano” em 1976. A referida década já impunha uma aspiração de ampliação e inserção no cenário científico, almejando protagonismo no âmbito da pesquisa e da produção acadêmica.

Nesse contexto, em 1979 foi criado o primeiro curso de mestrado da América Latina. Nos anos 1980, foram envidados esforços para que muitos docentes obtivessem formações no exterior para dar a ancoragem ao projeto de desenvolvimento acadêmico. Aqui, nesse intercurso temporal e histórico, emergem protagonistas que avançam na constituição de suas linhas de pesquisa e na materialização dos seus laboratórios e, sobremaneira, pavimentam um percurso que deixou para trás o paradigma técnico/profissional e, dessa forma, interpôs sua identidade acadêmica de excelência na pesquisa e na produção do conhecimento. Ao final do referido período, a EEFÉ-USP cria o primeiro programa de doutorado em 1989.

Nesse empreendimento institucional, foi possível formar mais 600 mestres e doutores e, por essa razão, tem se tornado ícone no cenário nacional no provimento de interlocutores acadêmicos que atuam tanto na docência como na pesquisa no

Ensino Superior. No movimento desses sucessivos protagonismos e pioneirismos, a Pós-graduação da EEFÉ-USP alcança o nível de excelência internacional e, por essa condição ou “status”, emite ressonâncias tanto para os programas de “stricto-sensu” como para os modelos de graduação em Educação Física e Esporte. Foi a partir da perspectiva crítica e revisora dos conhecimentos academicamente elaborados, que a identidade da área foi submetida ao crivo da análise acadêmica e, por essa razão, foi possível instituir processos formativos distintos entre Educação Física e Esporte na década de 1990 do século passado. Para tanto, mediante ao otimismo e aposta do “Universitas Studiorum”, o anseio pela integração de conhecimentos de natureza básica, aplicada e tecnológica se mantém firmes, balizando e nutrindo o funcionamento dos departamentos de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano, Esporte e Biodinâmica e, atualmente, dando consistência e sentido para as áreas de concentração, ou seja: Estudos Biodinâmicos da Educação Física e do Esporte; Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e do Esporte.

Portanto, estamos fazendo referências a uma escola de formação octogenária numa universidade também octogenária que, juntas, viabilizaram um programa de produção de conhecimento de excelência que atinge sua maturidade, ou seja, 40 anos! Assim sendo, o que poderíamos esperar no que diz respeito ao por vir, ao futuro? Uma vez perpassadas as fases embrionárias de crescimento, de desenvolvimento, de estabilização, de consolidação e da maturidade excelente (CAPES/7), para onde caminhar? Qual é o projeto?

Uma pessoa física ou jurídica quando alcança a maturidade traz consigo luzes e sombras do caminho percorrido. No caso de uma instituição que lidera e protagoniza processos de inovação e vanguarda, costuma ter para si claros os seus elementos de ancoragem, bem como os marcadores de horizonte que a mobiliza numa dada direção. Um programa de Pós-graduação de 40 anos numa universidade de 80, pode ser considerado uma “personalidade” de meia-idade. Personalidades de meia-idade, sejam físicas ou jurídicas, não dispensam nas suas jornadas esforços adaptativos para construir um lugar na dinâmica da vida social. O ideal é manter sua eficácia sistêmica. Investir na construção da sua existência e ampliar seus tempos e espaços para o firmamento de uma identidade social presume, invariavelmente, aceitação das normas e convenções de um macro sistema, caso contrário, sem misericórdia, perecerá.

Fazendo uma analogia a partir de uma tradição do campo psíquico e humanístico, ou seja, das contribuições da Psicologia Analítica de Carl G. JUNG³ e, assumidamente, certo dos riscos que uma analogia pode oferecer em termos de impropriedades, a questão da maturidade de uma pessoa está vinculada a ampliação da consciência de si mesma, seja das “luzes” e, principalmente, das suas “sombras”. No caso de pessoas físicas em geral, segundo os preceitos teóricos da referida tradição psicológica, a tônica da primeira metade da vida recai sobre adaptações biológicas e sociais, tendo como ideal a busca pela socialização por parte dos indivíduos. Na segunda metade da vida, mobilizados pela força do inconsciente, a tônica se reverte para os domínios psicológicos e espirituais, impelindo os sujeitos à revelia da sua consciência na busca pela sua reinvenção, singularidade e alcance da inteireza. A elaboração da personalidade física ou jurídica pode ser um ideal, cuja tarefa na vida madura não prescindirá de certa ousadia e audácia para revisão de si mesmas perante as normas sociais e institucionais:

A grandeza das personalidades históricas jamais consistiu em submeterem-se incondicionalmente às convenções, mas, ao contrário, em se libertarem e se livrarem das convenções. As personalidades se destacaram da massa como picos de montanhas e escolheram seu próprio caminho, enquanto a massa se apegava a tudo o que é coletivo: temores, convicções, leis e métodos. Ao homem comum sempre se afigurou coisa estranha que alguém preferisse seguir uma trilha estreita e íngreme, que leva ao desconhecido, em lugar de seguir pelos caminhos planejados que conduzem as metas conhecidas. Por isso sempre se julgou que tal pessoa, desde que não estivesse louca, fosse possuída por um demônio (*daimon*) ou por um deus (p.187).

Segundo os psicólogos James HOLLIS⁴ e Murray STEIN⁵, se na primeira metade da vida a pergunta existencial dos sujeitos se dá na direção do que a vida social quer desses; já na segunda, a interrogação proveniente das profundezas do ponto de vista simbólico e filosófico é o quê a alma quer de nós. Metaforicamente, as imagens e símbolos que nos movimentam nas primeiras horas do dia, não se manterão, necessariamente, até o entardecer. O que nos movimentou na construção da pós-graduação (40 anos), será o mesmo impulso que nos manterá na jornada?

Para adaptação dos sujeitos é necessário sucumbir alguns ideais e desejos pessoais para que seja possível

alçar uma aceitação social, sendo que esses conteúdos ficam fora da esfera da consciência. Os conteúdos rejeitados pela ordem moral e social são concebidos como a “sombra”. Esses conteúdos não são apagados definitivamente da esfera psíquica. Segundo MONTEIRO⁶ quando as adaptações não são mais estáveis e eficazes, esses conteúdos imagéticos emergem sob a forma de sintomas diversos e, recorrentemente, são traduzidos como crise. A crise da meia idade. Nesses processos, a possibilidade de renovação de si na busca de uma atualização psíquica e espiritual (sentido da existência) promove uma mudança no padrão de pensamento, ou seja, uma “metanóia”.

Em síntese, vamos substituindo o falso “self” adaptativo pelo “self” verdadeiro atualizado pela busca existencial por inteireza e totalidade. Dito de outra forma, aceitar a convocação da vida ou da entropia para reafirmamos nossos processos de diferenciação evolutiva. A inobservância desses movimentos da interioridade produzem efeitos de fragmentação na estrutura psíquica, movimentando mecanismos defensivos que, ineficazmente, não são suficientes para impedir uma crise identitária radicada na perda de propósito da própria vida. Se as pessoas individualmente comportam essas dimensões e, se as instituições são construídas pelas pessoas, caberia uma reflexão dessa natureza com vistas ao desenvolvimento institucional? Seria algo relevante para uma política de recursos humanos? Isso se aplicaria para cidadãos e cidadãs adaptados socialmente, revestidos de “status” social, como por exemplo, notáveis pesquisadores? Essa seria uma questão válida com vistas à sustentabilidade de programas de excelência? A excelência é sustentável? Qual é o custo da excelência no âmbito das relações dos recursos humanos que a sustentam? Após o reconhecimento social do protagonismo em ciência, quais serão as imagens que impulsionarão a alma institucional da EEFÉ-USP e do seu programa de Pós-graduação?

Descontando as incontestes margens de impropriedades e precariedades conceituais asseveradas nas linhas acima, em que medida essas especulações impertinentes poderiam ser úteis para pensar o futuro de um programa de produção científica bem sucedido e de excelência? Poderíamos fazer alguma alusão eficaz dos processos psíquicos pessoais/coletivos na direção das relações institucionais?

A premissa ou fantasia que nos impele nessa elaboração ensaística é de que a trajetória da excelência institucional não abdicará de uma revisão consciente sobre seus valores e práticas, não apenas

das suas “luzes”, já explicitadas nos parágrafos iniciais do presente texto, mas, principalmente, das suas sombras. Sobre essas últimas, lançamos a hipótese de que alguns sintomas do “mal estar acadêmico” podem ficcionalmente estarem atrelados à sombra do programa de Pós-graduação na construção da sua exitosa identidade social.

A Pós-graduação se converteu no primal empreendimento institucional e, por essa razão, conjecturamos que se tornou no grande divisor e legitimador de “status” social entre os docentes. Alguns indícios significantes nos inclinam a sinalizar a amplitude desse valor acadêmico como critério de uma divisão social do trabalho docente e, por sua vez, a distribuição de poderes nas diferentes instâncias da própria unidade universitária. Estar inserido na Pós-graduação enseja a ideia de estar comprometido com a instituição e, por essa razão, lhe permite ter a voz relativamente considerada nas decisões institucionais, inclusive, nos fóruns informais decisórios.

O credenciamento da Pós-graduação confere aos sujeitos o crédito no pleito para as possibilidades de estágios de pós-doutorado, disponibilidade de verbas, jornadas parciais ou integrais nos regimes de trabalho e, sobretudo, no progresso da carreira. A força do “publique ou pereça” é cânone consagrado e, a partir desse, cria-se um sistema não declarado, mas não menos operante, de autorizações e deliberações desiguais em instâncias, como por exemplo, a divisão de cargos comissionados, coordenações, distribuição de responsabilidade de disciplinas dentre outras. A noção de produção está atrelada a produção científica a despeito do espectro mais amplo de demandas institucionais, sejam elas radicadas no ensino, na extensão e no administrativo. A reificação desse entendimento é expressa em frases ou comentários ordinários do tipo: “(...) *que bom que você aceitou essa tarefa ou comissão, mas não se esqueça, o que importa mesmo é a sua produção; Não há produção de conhecimento fora da Pós-Graduação; Sem laboratório, sem grupo de pesquisa e sem verba não se produz conhecimento; Só é bom professor se for bom pesquisador; Conhecimento válido é conhecimento passível de experimentação, quantificação e veiculado internacionalmente etc...*”

A utilização da noção do reificar é posta propositadamente, tendo em vista que o sistema acadêmico vigente segue a lógica capitalista que, amiúde, tende a gerar sobreposição ou supervalorização da produção, em detrimento das

relações humanas e sociais, podendo ocasionar ressonâncias na subjetividade característica do ser humano, atribuindo uma natureza inanimada e coisificada da inteligibilidade e criatividade dos seus protagonistas. Protagonistas presumidamente talentosos e treinados no manuseio das técnicas e metodologias de pesquisa e gerenciamento de grupos produtivos. Eis, portanto, uma questão para a orientação de recursos humanos de excelência. A presença de uma massa virtuosamente competente representativa de um corpo de talentos implica um perspicaz processo de liderança institucional. Liderança que se depara com a diversidade de interlocutores com formações muito particulares. As pluralidades das subjetividades se impõem e, por essa razão, constituem-se em desafios no seu manejo e convivência. Tomando de empréstimo algumas noções de BAUMANN⁷ na modernidade o encontro das diversidades nas grandes cidades promovem sentimentos concomitantes e ambivalentes. No encontro entre os diferentes emergem sentimentos contraditórios entre desejos de integração e de diferenciação, inserção e separação, desencadeando que se poderia denominar “miso-filia” e “miso-fobia”. Retornando ao contexto da Pós-graduação, ratificando o risco das analogias mencionadas, a convivência de talentos em processo de produção competitiva não se configura como uma realidade acabada em plena “simbiose acadêmica”.

Um programa de Pós-graduação contém movimentos agregadores entre seus interlocutores (“Fílias”) em torno de projetos e temáticas que viabilizem as expertises produtivas. Aqui a pluralidade das subjetividades e das competências é veementemente estimulada. No entanto, por mais que as individualidades competentes e competitivas entre si criem seus pactos de trabalho, a virtude de um lembra a carência do outro. A escolha por um objeto ou aventura metodológica de parceiro investigativo, não reafirma o pressuposto saber do outro. Num contexto de pressupostos ou presunçosos “notáveis”, a luz ao lado projeta, inevitavelmente, certa nebulosidade ou sombra. Eis o pequeno germe da “fobia” no seio da diversidade acadêmica.

Uma jornada madura de quarenta anos e de excelência reconhecida remete, inexoravelmente, um desafio, ou seja, que propósitos ou horizontes serão almejados para dar significado aos protagonistas em produção competitiva por notoriedade acadêmica? Para onde iremos? Quem define o sentido da jornada doravante? Especulando uma imagem do métiou acadêmico, subir o “sarrafo” ou utilizar outras

métricas de condicionamento comportamental seriam “saídas” para mover o “homo academicus”?

Um sistema digno de excelência não pode prescindir da sua autonomia relativa em pensar sua natureza e especificidade se quiser dar sustentabilidade à sua obra! Ficar subserviente a avaliação e normatização externa em caráter absoluto é por em risco a própria história do êxito institucional. Entretanto, qual seriam as inquietudes que subjazem essas pretensas advertências? Considerando um programa de excelência de Pós-graduação, orientar-se por indicadores exclusivamente externos poderiam, eventualmente, por em risco os valores e as motivações dos seus interlocutores? Uma crise de significados e de propósitos poderiam se interpor um hiato simbólico, por conta de atingirmos metas dadas por instâncias exógenas à intelectualidade acadêmica?

As questões de mobilização de recursos humanos do ponto de vista das suas motivações das competências e habilidades profissionais é uma demanda inconteste no mundo corporativo e das relações produtivas. A vanguarda e a excelência são consequências, não a causa, de uma visão estratégica antecipada e escrupulosa por parte de lideranças pró-ativas com visão profícua de futuro. Colocar em pauta a necessidade de revisão dos imperativos da produção e dos engajamentos docentes no âmbito da pesquisa impõe, controversamente, uma reflexão aos docentes pesquisadores na perspectiva da necessidade de se remeterem ao solo fértil da humildade, com o fito de tomada de consciência de si próprios. Aqui, um dos fatores restritores do exercício reflexivo, incide sobre o narcisismo acadêmico que, reiteradamente, dá demonstrações de patente vigor. Temos quadros e planos de carreira bem estabelecidos, com parâmetros e métricas de pontuações sobre objetos de produção acadêmica, todavia, isso não implica uma política mais moderna de recursos humanos.

Investindo na pulsão especuladora do presente ensaio, explicitamente, pronunciando palavras mais claras, a “subjetividade e a alma” da Pós-graduação” devem ser objetos de investigação, no contrário, a excelência será insustentável e episódica no intercurso de uma meia idade de existência. Alguns “ruídos” e “sintomas”, ainda que difusos, são passíveis de diferentes lampejos hermenêuticos (interpretativos), podendo ser admitidos - hipoteticamente - certos horizontes potencialmente preocupantes.

A título de exemplificação, no “climax” de uma maturidade de 40 anos, observamos comportamentos aparentemente “disfuncionais” entre os protagonistas desse sistema ou programa. Uma cena curiosa pode

ser remetida às atitudes de pesquisadores renomados nacionalmente e internacionalmente, com produção arrojada e líderes de grupos consolidados, recusando-se ao credenciamento nesse importante programa de Pós-graduação no Brasil e na América Latina. Outro fenômeno, sem dúvidas, controverso, é a imigração de docentes para programas externos aos domínios da Educação Física e do Esporte. Um movimento, guardadas as devidas proporções, de busca por exílio em outros territórios desse universo denominado “stricto sensu”. São gestos expressivos de retiradas e renúncias que clamam por um entendimento, por atenção.

Outro indicador de perplexidade relativa são as rupturas internas que vão ganhando intensificação e, porque não dizer, dramaticidade, ao ponto de alçarem processos de judicialização entre os pares. Pares que lideram linhas de produção e laboratórios que, sem sombra de dúvidas, abrigam uma rede de interlocutores diretos e indiretos colocando em risco carreiras, projetos, investimento público e, finalmente, o próprio programa! As disputas narcísicas podem colocar em dúvida as condições estruturais de certos departamentos que, num passado não distante, reivindicaram sua institucionalização face ao seu arrojo na pesquisa e sua parcela de contribuição para o fomento promissor de um programa de Pós-graduação. O enaltecimento da Pós-graduação como instância, projeto ou valor social unívoco, possivelmente, mas não certamente, vem se constituindo numa importante condicionante cultural e, também, balizadora de dissociações da “Personalidade Institucional”. Importante ressaltar que essas questões são absolutamente recorrentes e ordinárias em vários contextos da Pós-graduação brasileira. Também cabe a observação que essa não é a sua tônica, tampouco, sua realidade primordial. Mais provavelmente sintomas adversos ou “efeitos colaterais”.

Ainda no que tange às renúncias, o pensamento produtivista enseja atitudes precipitadas de desvinculação da produção de conhecimento em relação aos projetos de formação profissional configurados na graduação. Em que pese que a liberdade de pensamento, ensino e pesquisa seja um pressuposto inalienável, a identidade acadêmica deve ser referenciada por parâmetros identitários de forma que seja plausível ter elementos que favoreçam a identificação de pertinência de uma dada produção. Essa parcialização utilitária chega aos termos de testemunharmos tímidos, mas não menos significativos, de ensaios e fintas para o

término de determinados cursos de formação e a proposição da mudança de enfoque formativo e de nomenclatura dos cursos de graduação.

É preciso lembrar que foram investidos recursos suntuosos na contratação de docentes, da montagem de laboratórios, no envio de docentes ao exterior para pós-doutoramento em nome de um projeto dimensionado a partir dos significantes Educação Física e Esporte. Sucumbir aos apelos corporativos e às conveniências contingenciais de grupos pontuais acirrarão, certamente, os narcisismos já presentes e, inevitavelmente, comprometerá o próprio programa. Ainda sobre esse enfoque especulativo, é perceptível que as agendas ou proposições da esfera da Pós-graduação nas semanas de planejamento institucional incidam limitadamente sobre os parâmetros quantitativos das pontuações para a “elevação do sarrafo”. O pressuposto empobrecimento simbólico de cunho utilitarista e imediatista não é prerrogativa da Pós-graduação, tampouco, sua indelével culpa.

Uma pessoa jurídica como a Pós-graduação não prescindirá da tarefa de pensar a sua natureza e especificidade se quiser manter suas estruturas de excelência e produtividade. De forma análoga com uma pessoa física, o programa de “meia idade” não deverá ficar mais atrelado restritamente aos parâmetros externos, especialmente, se quiser criar uma dinâmica de estímulo e valorização dos recursos humanos talentosos que comporta. Isso também diz respeito à possibilidade de vislumbrar horizontes de investimentos ousados em determinados territórios de investigação.

Toda maturidade poderia ser investida no fomento de uma nova tecitura de projetos a partir de um campo melhor delimitado/caracterizado acadêmico e profissionalmente. Desse modo, a expectativa seria compor novas sinergias para que viabilizássemos as linhas de pesquisa de uma forma mais coerente epistemologicamente, não ficando aos sabores das preferências individuais ou das inciativas flutuantes e contingenciais. Nesse sentido, reivindica-se o esforço na direção de uma liderança que favoreça um adequado e sábio manejo da diversidade humana e acadêmica, a partir de um projeto de cruzamentos interdisciplinares de curto, médio e longo prazo. Assim, dar uma resposta ao traço provinciano às tão reticentes oposições narciso-competitivas entre os interlocutores comportamentais, socioculturais e biodinâmicos. Essa fantasia presume a emergência de gestores que possam mover seus olhares desde a retaguarda histórica que, legitimamente, nos trouxe ao

presente e, desse ponto, lançar luzes para a vanguarda do porvir. As pessoas e as instituições que não temem assimilar conscientemente as ambivalências de suas luzes e sombras logram, surpreendentemente, um encontro profícuo entre individuação e totalidade. As que resistem prover um olhar para sua interioridade e, repetida e obediamente, se satisfazem com a aprovação de uma avaliação externa simplesmente, sem misericórdia, não serão poupadas da crise de propósito ao atingirem a sua meia longevidade. A busca por sua renovação se torna imperiosa para a atualização de significados entre seus pares. A inconsciência desses dinamismos é prenha de sintomas. Sintomas esses apontados por DAOLIO⁸ como nefastos para um não tempo e um não lugar dos sentidos e modos de produção acadêmica. A negligência desses aspectos, invariavelmente, conduz ao comportamento neurótico, ou seja, um descompasso entre o desejo e as regras do entorno social. Metaforicamente, as razões e as imagens do amanhecer não serão as mesmas do entardecer. O “modus operandi” que alicerçou a caminhada na direção da avaliação/conceito 7 não está imune à entropia. Os protagonistas desse empreendimento acadêmico que, por ora, nos toma, sinalizam fadiga na manutenção das horarias acadêmico-sociais. Aliás, fadigas e incertezas são comuns numa travessia, especialmente, quando se ousa desafiar o óbvio, o dado e o estabelecido.

Enfim, uma personalidade madura, após alguns anos de “estrada” não ignora as marcas da jornada que, por experiência elaborada e, não apenas acumulada, conjuga de forma consciente os valores que o circundam com a busca corajosa e audaz da sua singularidade. Para tanto, sabermos quem somos e qual é nossa identidade é imprescindível. Essa questão é de fundamental importância para balizar as relações e produções acadêmicas. A questão da base epistemológica é uma demanda que vem sendo negligenciada e evitada compulsivamente, por longa data, “indesejada” por alguns, como podemos evidenciar em MORFORD⁹, BRESSAN¹⁰ e TANI¹¹. Com certa clareza sobre a identidade acadêmica poderemos tomar a vida investigativa e produtiva com as “próprias mãos”. Nossa excelência, dentre outras coisas, poderia ser evidenciada na perspectiva da nossa capacidade de autoanálise, não apenas no âmbito das delimitações expressas nas nossas perguntas norteadoras de investigação e métodos, especialmente, na maneira de produzi-las e vivenciá-las. Para concluir, uma impertinência: o quê temos como expectativa para além do “sétimo céu”?

Sim, temos o quê comemorar! Vamos memorar juntos a obra feita por muitas mãos e, doravante, a possibilidade de invenção de um movimento mais do que promissor, ou seja, o movimento do futuro!

Referências

1. Romanelli OO. História da educação no Brasil. Petrópolis: Vozes; 1988.
2. Azevedo F. Da educação física. São Paulo: Melhoramentos; 1973.
3. Jung CG. Desenvolvimento da personalidade. Petrópolis: Vozes; 2011.
4. Hollis J. A passagem do meio; da miséria ao significado da meia idade. São Paulo: Paulus; 2008.
5. Stein M. No meio da vida. São Paulo: Paulus; 2007.
6. Monteiro DMR. Metanóia e meia- idade. São Paulo: Paulus; 2008.
7. Bauman Z. Sobre educação e juventude. Rio de Janeiro: Zahar; 2013.
8. Daolio J. A produção acadêmica em educação física: a CAPES como um não-lugar. Rev Pensar Prát. 2015;18:5.
9. Morford WR. Toward a profession, not a craft. Quest. 1972;18:8-93.
10. Bressan ES. The profession is dead: was it a murder or a suicide? Quest. 1979;31:1:77-82.
11. Tani G. Leituras em educação física: retratos de uma jornada. São Paulo: Phorte; 2011.

ENDEREÇO

Walter Roberto Correia
Escola de Educação Física e Esporte - USP
Av. Prof. Mello Moraes, 65
05508-030 - São Paulo - SP - BRASIL
e-mail: wrcorreia@usp.br